

Artigos Multitemáticos

«já não há culpados [,] apenas condenados» —
Expressões literárias das epidemias globais¹
«There are no criminals[,] only condemned men» —
Literary Expressions of Global Epidemics

SOFIA DE MELO ARAÚJO²

Novels, one would have thought, would have been devoted to influenza; epic poems to typhoid; odes to pneumonia, lyrics to toothache. But no; with a few exceptions [...] literature does its best to maintain that its concern is with the mind; that the body is a sheet of plain glass through which the soul looks straight and clear, and, save for one or two passions such as desire and greed, is null, negligible and non-existent.

On the contrary, the very opposite is true. All day, all night the body intervenes.

(Virginia Woolf, «On Being Ill», 1926)

Resumo: As marcas temporais gravadas de forma tão dolorosa na História pelas vagas epi- e pandémicas que assola(ra)m a Humanidade desde logo facilitam, mas também determinam a leitura do quanto houve ou não de expressão literária das mesmas. Este estudo panorâmico visa apresentar um olhar transversal em torno da forma como os fenómenos pandémicos são lidos e/ou usados pela literatura ao longo da História, com particular atenção ao caso português.

Palavras-Chaves: Peste; pandemia; epidemia; literatura pandémica.

Abstract: Epi- and pandemic outbreaks hitting Humanity are carved into Human History in such a painful way that it allows for the easy chronological outlining of their (rarely abundant) literary expression, but also for a heightened sense of their continuous indirect effect on literature and culture. This study strives to present a critical panorama of the way in which such public health phenomena have been read and/or have fueled literary imagination throughout History, in Portugal and elsewhere.

Keywords: Plague; pandemics; epidemics; pandemic literature.

¹ Expressão retirada de *A peste*, de Albert Camus. Uma versão resumida deste ensaio foi incluída na *História global da literatura portuguesa* (no prelo), dirigida por Annabela Rita, Isabel Ponce de Leão, José Eduardo Franco e Miguel Real, a quem agradeço o amável convite para a obra original e o generoso incentivo a esta publicação na íntegra.

² Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto; CETAPS, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; CITCEM e ILCML, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3117-9715>.

As marcas temporais gravadas de forma tão dolorosa na História pelas vagas epi- e pandémicas que assola(ra)m a Humanidade desde logo facilitam, mas também determinam a leitura do quanto houve ou não de expressão literária das mesmas. É cronologicamente fácil cruzarmos datas de episódios de vivência coletiva da doença e da morte com os textos que os tratam ou evocam. No entanto, continuamos necessariamente reféns das leituras de intencionalidade ou de inferências interpretativas que nunca terão respostas cabais, possivelmente nem para os próprios escritores que as ger(ar)am. E, na realidade, como veremos, as pestes que nos devastaram foram muitas vezes pouco profícias em reflexos diretos, mas antes mais proveitosas nos impactos filosóficos e existenciais dedutíveis, mas sempre questionáveis.

Na literatura portuguesa – como na internacional –, a pandemia surge mais reiteradamente (ou, pelo menos, com maior destaque) enquanto o/um motivo numa obra integralmente ficcional, como em *A peste* (1947) de Albert Camus, do que como eco histórico vertido num conteúdo literário, como no caso da Colômbia oitocentista de *Amor em tempos de cólera* (1985) de Gabriel García Márquez. No caso de *A peste*, escrita no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, Camus utiliza a metáfora de uma peste bubônica trazida por ratos a Oran, e inicialmente menosprezada, para denunciar o perigo insidioso do totalitarismo que a paz não extinguirá. «Every plague novel is a parable» (Lepore, 2020), como já sob pan-

demia, em março de 2020, a historiadora Jill Lepore afirma na *New Yorker*. No final, depois de descrições detalhadas dos diversos comportamentos humanos, o protagonista camusiano Rieux fica só, enquanto a população festeja uma libertação que ele teme ser temporária, eterna e permanentemente sujeita à capacidade humana de vigiar e sustentar um bacilo nunca extingüível. Ainda assim – ou por isso mesmo – escolhe nesse momento redigir a narrativa da peste como homenagem às vítimas e demonstração de que, para lá do bacilo, há muito mais no Homem a admirar do que a lamentar. No caso português, destaca-se *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, obra que, para lá do impacto imediato em vendas, traduções e adaptações, tem integrado a vasta maioria de listas nacionais e internacionais dos livros a ler em tempos de pandemia publicadas em 2020 e se integra plenamente na asserção de Lepore (2020). A inexplicável cegueira branca que atinge temporariamente a população causa uma série de reações e fenómenos sociais e individuais que são sentidos por todos mas particularmente observados pela única personagem que nunca chega a contrair a estranha condição, facto que esconde para não ser afastada do marido. Outras distopias portuguesas aproximam-se da ficção científica com motivos externos, como o conto «Pede poena claudio» (1983), de Mário de Carvalho, ou incluem catástrofes literalmente pandémicas, mas não no cariz sanitário que atribuímos ao termo. É o caso,

por exemplo, de *O último europeu 2284* (2015), de Miguel Real, em que o extermínio de uma população é causado por intervenção bélica, motivo que o aproxima de *The last man* (1826) de Mary Shelley. Será, aliás, no universo da ficção científica e da narrativa distópica que encontraremos a generalidade dos usos literários de epidemias e pandemias fruto do ocaso ou, amiúde, de atos intencionais. Por todo o mundo encontraremos títulos como: a novela «A aranha negra» (1842) de Jeremias Gotthelf; o conto «The Masque of the Red Death» (1842) de Edgar Allan Poe e o romance nele inspirado, *The Scarlet Plague* (1912), de Jack London, no qual o sobrevivente de uma «Red Death», James Smith, observa 60 anos depois, em 2073, a forma como a Humanidade decaiu, corporizada nos ignorantes e embrutecidos netos do académico que questionam a própria existência de «germes»; *Earth Abides* (1949), de George Stewart; *I am Legend* (1954), de Richard Matheson; *The Andromeda Strain* (1969), de Michael Crichton, em que um micrónio extraterrestre denominado «Andromeda» chega à Terra após um acidente entre um meteoro e um satélite, e *Congo* (1980) do mesmo autor; *The Stand* (1978, rev. 1990) de Stephen King, no qual uma estirpe de gripe é usada como arma; a vingativa *The White Plague* (1982) de Frank Herbert; *Outbreak* (1987) e um surto de Ébola nos EUA de Robin Cook, escritor que em 2018 voltará à temática no mais futurista *Pandemic*; a célebre trilogia *Oryx and Crake* (2003), *Year of the Flood* (2009) e *MaddAddam* (2013)

de Margaret Atwood, que inclui uma pandemia de infertilidade; o romance gráfico *Black Hole* (2005), de Charles Burns, em que uma praga transmitida sexualmente entre adolescentes dos anos 70 causa bizarras e metafóricas mutações aos afetados; *La possibilité d'une île* (2005) de Michel Houellebecq, texto que o autor rejeitou em 2020 comparar com a pandemia de Covid-19, da qual escreveu que sairemos para um mundo ou inalterado, ou um pouco pior; *World War Z: An Oral History of the Zombie War* (2006), em que o romancista Max Brooks cria uma pandemia zombie com origem num vírus chinês; *La transmigración de los cuerpos* (2013) de Yuri Herrera, em que o efeito das pandemias no des controlo da violência coletiva fica claro; *Station Eleven* (2014) de Emily St John Mandel; *A tempestade* (2015) de Vladimir Sorokin, no qual o protagonista Platon Ilich Garin se esforça por levar a vacina salvadora aos afetados; *The Fireman* (2016), de Joe Hill e, do mesmo ano, a praga menos nociva de *The Power* de Naomi Alderman; *Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018) de Ignácio de Loyola Brandão; e o muito recente *The End of October* (2020), no qual Lawrence Wright imaginou, meses antes de uma pandemia histórica se abater sobre ele, um *thriller* médico em torno de um vírus global oriundo da Ásia e ligado ao aquecimento global.

Outros autores – menos em número – optarão por recorrer a eventos históricos reais ou como tema principal, como em *The Ballad*

of *Typhoid Mary* (1982), de Jürg Federspiel, que recupera a terrível história da hipercontagiosa assintomática Mary Mallon (1869-1938), ou como referências soltas, como o fazem Charlotte Brontë em *Jane Eyre* (1847) e Charles Dickens em *Bleak House* (1852-3) ou *Little Dorritt* (1855-7), ou ainda como pano de fundo relevante para as suas criações, ao modo do já referido *Amor em tempos de cólera*: é o caso da cólera também em *The Painted Veil* (1925) de W. Somerset Maugham, da tuberculose e do tifo em *Look Homeward, Angel* (1929) de Thomas Wolfe, da pneumónica em *O rapaz que nunca existiu* (2013) do islandês Sjón, de *Nemesis* (2010), de Philip Roth, em que um surto de poliomielite afeta a comunidade judaica de Newark e coloca o personagem central na duvidamente angustiante condição de desertor e seguidamente veiculador causante de um segundo surto, ou de Geraldine Brooks, quando a australiana lança, em 2001, *Year of Wonders*. A *Novel of the Plague*, em que se inspira no sucedido historicamente na aldeia de Eyam (Derbyshire) aquando da chegada da peste em 1665, provavelmente trazida por uma remessa de tecidos infetados chegada de Londres e colocada aberta ao sol para secar pelo jovem George Viccars (assim permitindo às pulgas hospedeiras espalharem-se pela aldeia). Historicamente, por intervenção do pároco William Mompesson e do seu antecessor Thomas Stanley, a população isolou-se voluntariamente, permitindo assim que a peste não se estendesse a cidades vizinhas como Sheffield

e Bakewell, sofrendo por isso imensa carestia e dolorosa falta de apoio para lidar com os mortos que se foram acumulando.

Vivendo sob pandemia, no entanto, são poucos os que a usam como metáfora primordial, como Antonin Artaud fez, ou que lhe dedicam páginas, e em particular páginas de narrativa, e menos ainda no século XXI, quando no Ocidente estávamos habituados a viver as epidemias como fenómenos longínquos e diretamente inócuos, algo a lamentar e combater à distância. Orhan Pamuk chegou à pandemia de Covid-19 em 2020 imerso na escrita de *Nights of Plague*, sobre o ressurgimento da peste bubónica na Ásia em 1901 como estudo das grandes diferenças entre Ocidente e Oriente, mas diz que agora terá que a reescrever para incluir o medo que vive e que faltava ao seu texto (cf. Pamuk, 2020). Gonçalo M. Tavares também optou pelo «Diário da Peste», em lugar de ficção narrativa. Amadeu Homem publicou *Crónicas da peste mansa*, crónicas introspetivas de pendor erudito. Em Portugal, surgiram ainda durante 2020 primeiras respostas literárias incluindo textos infanto-juvenis como *Mensagens do avô*, *Crónicas do bicho mau* de António Mota, o poema «A vida triunfa em casa», de José Jorge Letria, integrado depois no volume *Um mundo aflito – Memórias de um tempo de ausência*, com prefácio de Pedro Abrunhosa e fotografias de Inácio Ludgero, «Lisboa ainda» de Manuel Alegre e um número crescente de produtos da desgarrada confinada em curso, à qual aquiescerem Nuno Júdice com «Ins-

truções para sobreviver a uma quarentena» e também «A nova Mariquinhas», Luis Castro Mendes, Maria Teresa Horta e Mário Cláudio, entre outros. Eugénio Lisboa publica *Poemas em tempo de peste*, agora literal, por contraposto à metafórica *Crónica dos anos da peste*, terminologia então sugerida por Rui Knopfli, que Lisboa lançara nos anos 70. Nestes seus «poemas para baratinar a peste», o humor e o sentido de comunhão da experiência sob pandemia abundam. Curiosamente, também em 2020 Teresa Veiga publica *Cidade infecta*, mas o romance refere-se exclusivamente ao clima de medo e suspeição num momento de crime. René Girard afirma-o em 1974 (p. 833): a peste é omnipresente na história da literatura e, enquanto tópico, é até anterior à própria literatura, pejando mitos e rituais de todas as épocas e civilizações. No entanto, enquadra-se também num espaço do não-dito (ou do mal-dito), refém do pudor e do efeito de trauma a par com o de uma referência partilhada de forma tão clara por escritor e leitor imediato que se lhe permite ficar oculta, implícita. Carrega em si uma dualidade que a distingue das restantes devastações coletivas (guerras, desastres naturais...) e das doenças comuns: é vivida coletivamente como as primeiras, mas exige a experiência isolada das segundas. Se em *Metamorfose* Kafka nos confronta com a resposta hostil perante a alteridade, nas pandemias a solidariedade surge, sim, como solução para a afronta coletiva, mas a proximidade do Outro é em si um fator de

perigo, potenciador de um retorno ao estigma do doente e do quebrar dos laços sociais fundamentais. Já no século XII, Nasr uddin colocara num conto satírico a Peste a explicar ela própria que das 100 mil vítimas da sua visita a Bagdad apenas 10 mil as tinha matado ela, tendo as restantes morrido do pânico.

Remontando à Antiguidade, encontramos as pestes retratadas tanto em textos literários como históricos desde as tábuas de Hamurabi. A mortandade por peste que deixa Atenas indefesa e vitimiza Péricles é descrita no século V a.C. por Tucídides na *História da guerra do Peloponeso*, mas assomava também na «deusa mais maléfica» de Édipo Rei, de Sófocles, em Homero pela mão de Apolo e no poema filosófico *De rerum natura*, de Lucrécio. Tucídides explica que inclui grande detalhe para que o leitor a reconheça, caso um dia volte a manifestar-se, como o fará na praga Antonina do século II que mata Marco Aurélio, após este a descrever como menos grave do que a decadência ética do império. Já no século VI Procópio de Cesareia declara a razão humana desarmada perante a próxima grande pandemia, a «doença desconhecida» da Praga de Justiniano (o qual lhe sobrevive), que mata o papa e que, segundo o historiador grego, deixa a Humanidade próxima da extinção. Terá sido já ela a causa primeira da Peste Negra que devastaria a Europa quase 1000 anos depois e que, segundo Lester Little (2009: xi), seria a responsável pela transição entre Antiguidade e Idade Média, pelo impacto dum crescente

antropocentrismo numa transição que refletia a própria Bíblia, quando evolui de uma peste veterotestamentária usada por Deus contra os erros humanos para uma visão cristã de tolerância perante os afligidos pela lepra do Novo Testamento. Durante o século XIII, as primeiras gafarias acolhem doentes de lepra (leprosos-gafos), promovendo a piedade e caridade e permitindo um crescente papel social ativo dos leprosos. Em 1403 é aberto em Veneza o primeiro Lazaretto para acolhimento de doentes infeciosos. Na Alta Idade Média destacam-se textos religiosos ou filosóficos como os quatro sermões anónimos recolhidos no *Homiliário de Toledo* do século VI e denominados «Ciclo da Peste», e os apontamentos historiográficos por Gregorio de Tours e Isidoro de Sevilha. São Beda (c. 635-735) apontará mais tarde a forma como a peste teria atrasado o cristianismo e feito muitos habitantes das ilhas britânicas reverterem a práticas pagãs. A tensão teológica perante um sofrimento generalizado e um monoteísmo assente em bondade divina será constante e oscilará entre a isenção de culpa divina explicada logo no século IV por Basílio de Cesareia e a ideia de peste como castigo de Teodoro Agalianos no século XV.

Ao longo da Idade Média, várias epidemias vão atacar a Humanidade, mas será a dita Peste Negra (ressurgir da bubônica) que marcará a História e devastará a Europa no século XIV (1347-1350), com forte ressurgimento no início do século XVIII em Marselha. Daniel Defoe escreve *A Journal of the Plague Year*

(1722) sobre a peste de Londres (1665), com o surto de Marselha em mente, procurando fundir no livro um relato histórico e um aviso profilático. A bactéria só virá a ser identificada em 1894 por A. Yersin, e mesmo depois disso ainda surgirão surtos, nomeadamente no Porto em 1899 e em Seattle em 1907. Será a primeira pandemia transcontinental e coexiste logo com outras epidemias, com a Guerra dos Cem Anos e com várias fomes. A mortandade é tal que perdurará no imaginário universal como «a» peste. Já depois de um ressurgir da Peste Negra no Porto em 1899, surgem usos do termo em textos como *O encoberto* (1905), de Afonso Lopes Vieira. Ainda antes, Gomes Leal (1848-1921) dedicara-lhe uma novela intitulada «A Peste Negra» (1874), em fascículos do *Diário de Notícias*. Figura extremada (tornar-se-á pedinte e viverá depois de uma pensão estatal concedida a pedido de escritores reunidos por Teixeira de Pascoaes), Gomes Leal era ainda integrante da geração de 70 e precursor em Portugal da «literatura frenética», seguindo o termo de Charles Nodier em artigo em 1821 nos *Annales de la Littérature et des Arts*. Paixões violentas, novelas baudelairianas, fantástico, grotesco, mórbido e gótico francês levam Cecília Barreira a chamá-lo «poeta do satanismo» (Barreira, 1997: 287), mas em «A Peste Negra», para lá de toda a imagética, a noiva acaba vitimada pelo abandono do parceiro, assustado com a doença, e não pela peste.

Em 1346 os tártaros sitiados de Caffa padecem de peste e usam cadáveres catapultados para vencer a cidade que sitiavam. Será pela proximidade física que a peste negra começará a dominar os espaços urbanos da Europa, particularmente nos mais sobrelotados como as segregadas judiarias. O combate conta com o encerramento de muralhas e as primeiras quarentenas. Em Portugal, segundo Oliveira Martins (1908: 109), a peste entra a 29 de setembro de 1348 (a partir do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra), e terá um forte impacto na revolução de 1383-1385, mas também, ainda antes, nas leis de Afonso IV e na Lei das Sesmarias (1375) de D. Fernando, como o referem António Sérgio (1945: xiv, xxxix), Virgínia Rau (1946: 260) e Baquero Moreno (1983: 373: 386). O choque demográfico causado pela mortandade inclui fenómenos como a acumulação de riquezas pelo centralizar das heranças, o êxodo rural, pobreza, tensão social, e consequentes movimentos de camponeses e banditismo anarquizante nas urbes. Fernão Lopes fala dos grupos de «arraia-miuda» (ou «ganha-dinheiros»). É um tempo de maior tolerância perante a aflição partilhada do que aquilo que tendemos a imaginar, como o prova a possibilidade de o juramento de honra pelos viajantes quanto a estar ou não doente poder ser prestado sobre qualquer livro de culto. As contradições de uma era de dor incluem as tendências opostas para a religiosidade extrema, que assiste às procissões de flagelantes em alguns países

europeus (que não Portugal), e para o niilismo folião. Simultaneamente, acumulam-se bodes expiatórios, com perseguição a bruxas e feiticeiros e acossamento aos judeus, acusados de envenenarem os poços de água e profanarem hóstias para provocar as epidemias. O fenómeno estende-se no tempo, como demonstra tristemente o Pogrom de Lisboa de 19 de abril de 1506, narrado por Damião de Góis na *Crónica de D. Manuel I* e também por Garcia de Resende e outros. Nesse dia, a matança de mais de 1000 judeus é instigada por frades dominicanos após um episódio no Convento de São Domingos no qual um cristão-novo se atrevera a explicar a real natureza ótica daquilo que os crentes estavam a tomar por milagre durante uma missa e, como resultado, fora espancado até à morte. Mais tarde, Alexandre Herculano e Oliveira Martins também estudam o acontecido. Num artigo a 7 de janeiro de 1891, intitulado «A perseguição dos judeus», Eça de Queirós critica o discurso antisemítico de Bismarck, recordando o uso medieval da mesma estratégia quando sob peste.

A noção da inevitabilidade e imprevisibilidade da morte sob peste perpassa a cultura medieval e é iconizada no folclore nórdico pela figura da «Pesta» – uma velha curvada com vassoura, entre cujos ganchos deixava escapar alguns dos que arrastava. Theodor Kittelsen pinta-a mais tarde em *Svartedauen* (1900). A cultura da morte traz a recuperação dos *memento mori* de Demócrito e de Séneca, os textos latinos de *ars moriendi* (1415 e 1450)

e o confronto com o corpo em putrefação da dança macabra, que aparece nesta época em vários frescos, desde 1424, em Paris, no Cemitério dos Santos Inocentes, e se espalha pela imagética coeva. O cavaleiro da foice, esqueleto apocalíptico que povoa as gravuras de Holbein, Dürer, Brueghel e Jerónimo Bosch, é o equalizador das classes sociais. Numa das gravuras, de Albertus Pictor na igreja de Täby, na Suécia, um homem joga xadrez com a morte (c. 1480), obra que virá a inspirar Ingmar Bergman e *O sétimo selo*. Ainda que a peste não surja como tópico direto, está sempre presente na obsessão coeva com a transitoriedade. Textos como o *Horto do esposo* (Anónimo, Alcobaça), o *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende ou as peças de Gil Vicente tratam a morte com ecos indiretos da vivência sob pandemia. São, no entanto, dois os textos que perpetuarão a peste negra, usando-a ambos como moldura para narrativas várias: Boccaccio (1348-1353) escreve *Decameron* (do grego «dez dias»), texto amplamente difundido de imediato, no qual três rapazes e sete raparigas fugidos da peste partilham 10x10 histórias. Os seus próprios nomes são simbólicos e as temáticas que abordam alheias à situação sanitária, mas o narrador, ele sim, fala diretamente sobre a peste no início do volume, avisando de que só aqueles capazes de suportar ler sobre a mortífera pestilência têm a recompensa de ler depois deleitosas histórias. No século XIX, Francesco de Sanctis compara *Decameron* como «comédia humana» à «comédia divina»

de Dante Alighieri, em *Storia della letteratura italiana* (1870), e ainda em 1971 o texto de Boccaccio será adaptado por Pier Paolo Pasolini. No caminho rumo ao antropocentrismo, a iniciativa da quarentena a dez na narrativa de Boccaccio parte de uma personagem feminina, demonstrando já a subversão típica de um estado de exceção. Na realidade, a desregulação permitiu que mulheres começassem a escrever abertamente e, em França, Christine de Pizan (1364-1430) foi a primeira mulher europeia a viver da sua própria escrita. O segundo texto que usa a peste é de Geoffrey Chaucer: *The Canterbury Tales* (1387-1400) inspira-se nas técnicas de Boccaccio e contém apenas duas breves referências à peste, incluindo aos novos-ricos que criara. A norte, outros textos mais tardios abordarão a peste, incluindo *Piers Plowman* (1370-1390), poema narrativo alegórico de William Langland, «Y Rhugl Groen (The Rattle Bag)», poema galês do século XIV de Dafydd ap Gwilym que aponta a Peste Negra como fim da Humanidade numa procriação interrompida, e o célebre «A Litany in Times of Plague», em *Summer's Last Will and Testament* (1592) de Thomas Nashe. A fugacidade estender-se-á pelos séculos e influenciará textos como «À fragilidade da vida humana» de Francisco de Vasconcelos Coutinho (1667-1723) ou outros seus poemas de cariz profundamente existencialista, confrontando o sem-sentido experienciado. Em Portugal, Gonçalo Fernandes Trancoso (1515?-1595?) segue Chaucer e Boccaccio, embora sem re-

ferir a peste senão como metáfora, nos seus *Contos e histórias de proveito e exemplo* (1575), aos quais subjaz a habitual reflexão sobre a precariedade da vida.

Em 1415 Filipa de Lencastre morre em Odivelas vítima de peste bubónica, após recusar deslocar-se por deveres religiosos. Oliveira Martins aborda (Martins, 1891a: 25 e Martins, 1908: 181) a morte daquela a quem Fernando Pessoa chamará «Princesa do Santo Graal» e a forma como abençoa de forma arturiana a sua ínclita geração. Nela se integra D. Duarte (1391-1438), o melancólico rei-filósofo que morrerá ele próprio de peste. No seu *Leal conselheiro*, D. Duarte aborda e defende as razões pelas quais lhe parece bem fugir à «pestelença». Desmonta argumentos negacionistas e diz que o Homem também vê com a Razão, apelando a que se sigam os cientistas. Nos séculos XV e XVI abundam regimentos versificados contra a peste, alguns dos quais traduzidos e outros originais. No «Regimento contra a pestença» (1435?), escrito a pedido de D. Duarte, o Dr. Diogo Afonso de Mangancha apresenta a peste como algo de natural e não castigo divino, na mesma linha do *Regimento proveitoso contra a pestença* (séc. XVI) de Johannes Jacobi, médico do papa Urbano V. Outros existem que reforçam a tese do castigo divino. Na realidade, a questão religiosa é fulcral sempre: da mesma forma que, mais tarde, Daniel Defoe atribui a resolução da peste a intervenção divina, Fernão Lopes considera a sua manifestação no cerco de Lisboa de 1384

um ato divino. Crónicas incluem episódios curiosos como o de um marinheiro que tem uma visão religiosa que é desvalorizada pelos pares, pensando que se trata de um delírio causado pela peste. O cariz mundial da peste influiu também na forma como o Outro é observado e lido. No século XVI, por exemplo, Ogier Ghiselin de Busbecq, embaixador do império de Habsburgo ao Império Otomano, fala nas suas cartas de como o fatalismo típico dos turcos os deixa desprovidos de leis de quarentena adequadas.

Durante séculos de epidemias várias e da sombra maior da peste negra, a ciência medieval e renascentista consegue descrever, mas não perceber o fenómeno. Colocam-se todas as hipóteses, incluindo a de efeito da conjugação maligna dos planetas Saturno, Júpiter e Marte registada em 20 de março de 1345. Em 1643, *Acta Sanctorum* em Antuérpia ainda inclui as muitas petições para santificar sobreviventes da peste bubónica, lidos como milagres. Vingam a teoria dos humores e a da pestilência do ar/vapores fétidos. A crescente exploração do mundo traz conhecimentos alargados, ainda que escassas respostas. D. João II (1455-1495) enviara delegações para se informarem de medidas sanitárias no estrangeiro, como também D. Sebastião convidará especialistas de Sevilha em 1569, no decurso da Grande Peste de Lisboa, capital que fica então reduzida a um terço da população. Surgem hospitais próprios. As dinâmicas portuárias tornam as cidades perigosas, mas ainda é pos-

sível alguma salvaguarda em locais vizinhos e dentro das cidades há a tentativa de isolar os focos de enfermidade, como, em 1486, com o entaipamento de ruas com peste (que ficará plasmado na toponímia da Rua das Taipas). Garcia de Orta, em *Colóquios dos simples e das drogas he cousas medicinais da India* (Goa, 1563), fala da cólera-asiática. Camões ficou confinado em quarentena numa nau, *Santa Clara*, ao regressar do exílio a uma Lisboa dizimada pela peste, como narra Oliveira Martins (1891b: 105). O poeta morre em 1580, provavelmente ainda como resultado da epidemia de 1578. No século XVI, Michel de Montaigne, enquanto Maire de Bordéus, aborda nos *Essais* (V, liv. 3, cap. 12) a sua experiência pessoal da peste e dedica volume a um grande amigo que morrera de peste em 1563. A peste tocou também autores como François Rabelais ou até Maquiavel, que participa com Filippo Strozzi na «Pistola fatta per la peste» (1522). O próprio William Shakespeare nasce sob confinamento dos pais e viverá quarentenas e perdas durante a idade adulta. No entanto, à exceção de usos imagéticos diretos (*Rei Lear*, “Venus and Adonis”) ou intuídos (*Macbeth*), a peste apenas surgirá de forma explícita em *Romeu e Julieta*, quando o Frei João fica detido pela suspeita de pestilência, causando assim o final trágico, para lá do célebre «a plague o'er both your houses» de Mercutio. Em 1668 La Fontaine cria a fábula «Les animaux malades de la peste». Em 1665, em *O diário de Samuel Pepys*, o autor fala da tristeza das ruas vazias

por autoconfinamento na Grande Peste de Londres, a mesma que leva ao confinamento de Newton e surge sob os augúrios do cometa visto no ano anterior. Também a ela se reporta Daniel Defoe em 1722, no volume *A Journal of the Plague Year*, que assina como H.F., com a possível ideia de um tio que deixara o relato no qual dá muitos conselhos e detalhes, incluindo alguns ainda pouco canónicos, como a existência de doentes assintomáticos infeciosos. *I promessi sposi* (1827) de Alessandro Manzoni descreve e apoia a revolta popular quanto à falta de resposta oficial à praga em Milão em 1630, durante a qual se mantêm até festividades por aniversário de príncipe local. Este romance realista expõe a natureza social dos processos pandémicos e será retomado em filme em 1941 por Mario Camerini, em pleno fascismo, presumivelmente como forma de alertar para governos autocratas e ignorantes. Em Portugal, André Falcão de Resende (1527-1599) escreve «Elegia sobre o mal da Peste», que terá sido o seu último poema antes de morrer ele próprio vítima da doença. Bandarra (1500-1556) refere pestes concretas, mas desenvolve pouco. Há tratados médico-científicos e textos religiosos, mas destaca-se, em 1659, o «Sermão de São Roque» de Padre António Vieira. O texto é escrito sob peste em Portugal, com dimensão profilática. S. Roque era conhecido por socorrer os apestados e Vieira oferece uma descrição piedosa do mal da peste, em que é penoso, mas forçoso, dizer «aos que mais amais que fujam de vós». Em

1843 Almeida Garrett revisitará a peste no período quinhentista, em *Frei Luís de Sousa*, como razão que leva os governadores a procurar refúgio em Almada e para isso requisitar a propriedade de Manuel de Sousa, que, indignado, abandona e incendeia a casa.

O século XIX ocidental (e mundial) foi particularmente marcado por uma série de epidemias, destacando-se a febre-amarela, que está em 1856 em Portugal, e a cólera que veio do Ganges e que periodicamente surge pelas deficiências sanitárias. Nos Estados Unidos da América, Elizabeth Drinker, quaker, escreve até dias antes de morrer de febre-amarela e conta a história trágica de um homem que morrera da doença enquanto a mulher morria de parto, sendo o bebé de ambos recuperado do quarto fúnebre no dia seguinte. Em 1849, em Londres, uma memória de Henry Mayhew fala do perigo potenciado pelo uso habitual do Tamisa para banho e bebida e da forma como os esgotos poderão estar na origem da pestilência. Os surtos de cólera espalham-se e, a título de exemplo, na Guatemala surge a peça de teatro preventiva *Boletín del Cólera morbus* de Pepita García Granados e alguma poesia de Juan Diéguez Olaverri, como textos de índole sanitária. Em Portugal, Camilo Castelo Branco, que deixara ecos esparsos de diversas epidemias em *A velhice do padre eterno* e *O regicida*, conta em *Coisas espantosas* a agonia de uma personagem de cólera em 1833, mas apenas como mote para falar dos amores e desamores do moribundo. O poema «Nós» de Cesário Verde,

escrito em 1884, quando percebe que está tuberculoso, fala da praga de cólera de 1856-1857: «Foi quando em dois verões seguidamente a Febre / E o Cólera também andaram na cidade,/ Que esta população, com terror de lebre,/ Fugiu da capital como da tempestade». Thomas Mann escreve *A morte em Veneza* em 1912, obra que será adaptada ao cinema em 1971 por Visconti, com a cólera em mente. A doença que vinha de fora e chegava à Veneza portuária potencia um eurocentrismo que Susan Sontag abordará em *Illness as a Metaphor*, analisando a ideia de, por contraponto, a cura vir da civilização. Mann passara com a mulher pela ilha de Brioni, onde Robert Koch, que descobrira o bacilo da tuberculose, tinha um museu ao ar livre com exposições em torno dos progressos da prevenção e do tratamento das doenças infetocontagiosas. Em 1924 escreve *A montanha mágica*, passada num sanatório nas montanhas de Davos, onde a mulher fora repetidamente internada. Mann estuda profundamente a natureza e terapêutica da tuberculose, paralelamente ao retrato da essência humana nos tuberculosos internados em confinamento de luxo. A tuberculose, ou Peste Branca ou Tísica pulmonar, existe desde o Paleolítico e perdura. É considerada uma doença mais limpa, pelo ar romântico das vítimas (pálido com rubor ocasional e brilho intenso nos olhos) e pelo estertor mais pacífico que padecem, e por isso tem uma entrada particularmente forte no Romantismo oitocentista. Morrem de tuberculose figuras como

Richelieu, Chopin, as irmãs Brontë, Chekhov, Kafka, Orwell e Eleanor Roosevelt. Também Júlio Dinis morrerá de tuberculose, sendo ele próprio médico e investigador. *A dama das camélias* (1848), de Alexandre Dumas filho, depois adaptada em *La traviatta*, por Verdi, é a representação mais icónica da tuberculose como morte romântica. O cadáver de Marguerite Gautier (simbolizando Marie Duplessis) surge descrito num formato gráfico que se integra no ultrarromântico/gótico, mas também ecoa as imagens medievais. Durante a Grande Fome de Irlanda pululam os mitos góticos sobre vampiros, à medida que cadáveres funcionam como fonte de alimento e é então que famílias desenterram vítimas de tuberculose para se certificarem que os seus mortos não foram antes tornados vampiros, como poderia indicar a alvura da pele e rubor dos lábios, comuns ao mito e à doença.

O século XIX é particularmente virulento: D. Pedro V e a mulher morrem vítimas de diferentes epidemias (ele, febre tifoide, ela, difteria). A partir de 1851, potências internacionais europeias realizam conferências sanitárias internacionais. A tuberculose marca «Pobre tísica» (1899), de António Nobre, mas também referências no seu poema pacifista «Canto do lume», o poema «Pneumotórax» do brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968) e ainda textos mais tardios, como, em particular, alguns poemas regionais, sobretudo onde há sanatórios, incluindo «A tuberculosa» (1900), de Arménio Monteiro, e «Doente no Caramulo»

(1950, de Manuel Lopes Ribeiro, que o começa a escrever ainda lá internado). Fernando Pessoa adota o pseudónimo de «Maria José» para escrever «A carta da corcunda ao serralheiro» (c. 1930) – declaração de amor a serralheiro visto pela janela, o Sr. António, por uma jovem corcunda quando moribunda por tuberculose: «Senhor António: O senhor nunca há-de ver esta carta, nem eu a hei-de ver segunda vez porque estou tuberculosa». Recentemente, *A febre das almas sensíveis* (2018), de Isabel Rio Novo, retrata o início do século XX num sanatório no Caramulo, onde «o tempo perdia a sua grandeza matemática para se equiparar a uma estranha espécie de medida biológica». No capítulo «A peste branca», a autora explana o título e desmitifica a doença: «A tuberculose não era, afinal, a febre das almas sensíveis. Era a doença das multidões operárias nas cidades [...] dos sobreviventes das guerras [...] das sociedades miseráveis».

Em 1899 a Peste Bubónica irrompe no Porto, marcando um regresso inesperado. No mesmo ano foi criada a Direção Geral de Saúde e Beneficência Pública (que passará a Direção Geral da Saúde em 1911) e Ricardo Jorge cria o Instituto Central de Higiene. O anúncio do regresso da peste feito por Ricardo Jorge causa revolta e incredulidade, obrigando o cientista a fugir do Porto, depois de Lisboa instaurar um cerco à cidade nortenha. Gregorio Blanco foi o paciente zero e a doença depressa foi identificada por Ricardo Jorge. Câmara Pestana validou a investigação e colaborou no com-

bate, acabando por morrer vítima da doença, enquanto as crianças populares se dedicavam a caçar ratos a soldo de autoridades locais. No entanto, a Associação Comercial do Porto e jornais locais como *O Comércio do Porto* continuaram a negar o regresso da peste, e nomes como Sampaio Bruno e Miguel Bombarda opuseram-se publicamente às quarentenas. Jornais do Porto acusam Ricardo Jorge de querer instaurar censura, por denunciar o perigo para a saúde pública da manipulação e da ignorância dos jornalistas.

Na mesma época, surgem surtos de sífilis. O convento do Desterro é usado para doenças venéreas e da pele como o fora para acolher leprosos e vítimas de outras doenças contagiosas e estigmatizadas. D. Thomaz de Mello Breyner denuncia más condições em alguns hospitais, usando humor e muita ternura nos relatos, e ensina noções básicas aos seus doentes para que o ajudassem na falta de enfermeiros. À maneira de Defoe, embora partindo de desígnios distintos, ficam turvas as fronteiras entre memórias (neste caso médicas) e exercícios literários. Carlos Malheiro Dias escreve o romance *O filho das hervas* (1900) e a doença surge também abordada em *A severa* (1931) de Júlio Dantas. Os higienistas lançam livros para os jovens e surgem pela Europa peças literárias de propaganda médica como «Le mortal baiser» (1918) de Louis Gouliadec. Panfletos do jesuíta Tovar de Lemos nos anos 30 do século XX afirmam explicitamente que a única vergonha é ser ignorante.

A 15 de agosto de 1939, ele próprio ordena a permissão da venda de preservativos, apesar de campanhas contra invocarem potenciais perigos no uso. No entanto, prossegue o oposto estético/ético entre sífilis e tuberculose, como encontramos em Fialho de Almeida no conto «Três cadáveres» (1883). A noção de uma época atreita a pestes é tocada ocasionalmente, como em 1888 em *Os maias* de Eça de Queiroz, com imagens de pestilência sobre a cidade na discussão de poetas no Hotel Central, ou em Ramalho Ortigão, no décimo volume de *As farpas*, com menções fortuitas a lazaretos e pestes usadas casualmente («na altura de» e «conhecem-se do») e no quinto volume com detalhes gráficos e religiosos de surtos de peste no século XV.

Chegados a 1918, eclode a grande pandemia contemporânea: a dita Gripe Espanhola ou Pneumónica, que terá vindo, afinal, de uma base militar no Kansas ou, possivelmente, de um hospital de campanha francês em Étaples (a hipótese chinesa também nunca é completamente excluída). A nova pandemia mata 50 a 100 milhões de pessoas, sendo disseminada originalmente por soldados e trabalhadores sazonais. Morrem de pneumónica Amadeu de Souza-Cardoso, Guilherme Santa-Rita, o maestro David de Sousa, o pianista António Fragoso (e três irmãos seus que morrem em quatro dias, salvando-se os pais e uma irmã), os pastorinhos Jacinta e Francisco e o compositor Pedro Blanco. Guillaume Apollinaire, embora já ferido na Primeira Grande Guerra,

morrerá também de pneumónica. No entanto, a guerra tem precedência e a pandemia vai para as quartas páginas dos periódicos internacionais. Morrem primordialmente os jovens, que também morriam na guerra. Os mais idosos, provavelmente com anticorpos ainda da Gripe Russa, resistem melhor. Em alternativa, a maior mortalidade nos jovens adultos poderá ter sido devida a uma espécie de *overdrive* reativa do sistema imunitário mais capaz, semelhante ao que acontece em casos graves de Covid-19. Também aqui a maioria dos infectados sobrevive e dão-se efeitos neurológicos nocivos a longo prazo. A agitação é grande: a 9 de abril de 1918, o exército português é dizimado na batalha La Lys. No mês seguinte entra a pneumónica por Vila Viçosa e a 14 de dezembro ocorre o assassinato de Sidónio Pais na Estação do Rossio. Surgindo no Ocidente, o anticolonialismo noutros continentes irá crescer, a par com o retorno a crenças nativas e rejeição do cristianismo.

A Pneumónica surge como uma entre outras epidemias (no Porto, por exemplo, havia surtos simultâneos de tifo exantemático e varíola) e o discurso higienista do fim do século XIX vai-se impondo. Durante a epidemia os relatórios oficiais são publicados na íntegra nos periódicos generalistas. Ricardo Jorge escreve textos contra os ósculos e os apertos de mão. Há crises de abastecimento, mas Sidónio glorifica-se nas visitas que faz a cidades afetadas e aos próprios doentes. Os jornais noticiam a existência de cadáveres nas ruas. Morrem mais

de 60.000 (possivelmente cerca de 100.000) portugueses. Ricardo Jorge usa o pseudónimo Doutor Mirandela para denunciar em artigos de opinião o que considera a ineficácia do cordão sanitário com fecho de fronteiras com Espanha. Ficam-nos textos memorialísticos: Alfredo Keil do Amaral, Emídio Santana, o estudante Armindo Rodrigues, que descreve de forma pungente o sucumbir do seu próprio pai à pandemia, e Sarmento Pimentel, que aborda as visitas de Sidónio. Curiosamente, Raul Brandão e Aquilino Ribeiro abarcam a época sem explorar a pandemia diretamente. Raul Brandão conta apenas que em 1919 o faroleiro das Berlengas, quando vai recolher elementos para *Os pescadores* (1923), lhe dissera «Aqui não se sabe de nada, aqui não chega nada. Nunca! Nem a pneumónica aqui chegou!». Vários autores padeceram, tendo recuperado, incluindo D.H. Lawrence, T.S. Eliot (que achava que a doença o tinha afetado intelectualmente) e Virginia Woolf. Em *Mrs Dalloway* (1925), a protagonista Clarissa teria sido vítima de pneumónica algures antes da ação do romance. Woolf escreve também «On Being Ill» (1926), ensaios sobre a sua própria experiência da pneumónica, publicados em janeiro de 1926 na *The Criterion* de T.S. Eliot. W.B. Yeats cuidou da mulher, simultaneamente infetada e grávida. Katherine Anne Porter viveu a pandemia e em 1939 escreveu *Pale Horse, Pale Rider*, sobre uma relação entre a doente Miranda e o soldado Adam, que morre antes de ela recuperar, por ter contraído a doença

ao cuidá-la. A própria K.A. Porter ficou, ainda jovem, com o cabelo branco, como aparente sequela da doença que quase a matou (tinha, aliás, obituário e funeral já tratados quando recuperou). Em último recurso, recebeu de estudantes de medicina um tratamento experimental com estricnina que a salvou. Dizia, em entrevista a Barbara Thompson: «I was in some strange way altered, ready. It took me a long time to go out and live in the world again. I was really “alienated” in the pure sense» (Porter, 1987: 85). Na literatura estrangeira destacam-se também *They Came Like Swallows* (1937), de William Maxwell, mistura de memorialismo e ficção, e *Twilight in Delhi* (1940), de Ahmad Ali. Marcel Proust refere a pneumónica para dizer que já ultrapassou a idade de risco para que o pudera afetar.

Em Portugal, Alves Redol aborda a pneumónica em *Os reinegros* (1972), registo do operariado da capital, como uma entre várias arduidades sofridas: «A pneumónica alastrava, numa ceifa aterradora [...]. Trazia-se o destino sobre os ombros» (Redol, 1972: 364); Mário Cláudio, em *Amadeo* (1984), explora a morte do artista; Artur Villares, em *A leva da morte* (1988), inclui referências às visitas de Sidónio; Fernando Assis Pacheco refere a doença em *Trabalho e paixões de Benito Prada* (1993), através das memórias da mulher do protagonista, que o centra recordando «Trágica foi a pneumónica!»; e Joaquim Mestre, em *O perfumista* (2006), fala de Almorim (Alentejo), contando como os sinos deixavam de tocar

para não assustar os doentes, e descrevendo a procura por curandeiros, o irracionalismo e a adesão a quadros salvíficos como Sidónio. O conto «Renovo» de Miguel Torga, em *Novos contos da montanha* (1944), narra a história de uma mulher que perdera marido, três filhas e dois netos e tenta enganar o filho acamado, dizendo que os sinos dobram só por idosos e que a namorada dele (que morrera) só não o visita porque ela própria não a deixa, por medo de contágio. Quando reestabelecido, o jovem ouve sinos de um batizado e a mãe persuade-o da importância de futuro. Recentemente, *Um tiro na bruma* (2007), de Manuel Cardoso, estudado por Otília Lage, dedica 6 de 23 capítulos à passagem da pneumónica por Macedo de Cavaleiros, com base no arquivo de suporte documental do autor. Romances históricos e/ou coevos que curiosamente não a tratam incluem Aquilino, Raul Brandão, José Lins do Rego, José Rodrigues Miguéis, Álvaro Guerra e o *Café Repúblida*, Maria Velho da Costa ou Artur Portela.

A pneumónica em Portugal era um episódio entre os muitos de uma existência trágica no país. A vulnerabilidade, incerteza e impotência dos dias transcende a doença e o quotidiano absorve a pandemia – armazéns Grandella em Lisboa oferecem descontos para vestuário de luto, autorizam-se enterros à noite e registo civil aos domingos para escoar as necessidades, missas específicas *pro tempore pestilentiae* regressam. Parece haver algum pudor e silêncio mundial que ajuda a

perdurar mitos, incluindo o da nomenclatura associada a Espanha. *The Plague of the Spanish Lady: The Influenza Pandemic of 1918-1919* (1974) do historiador Richard Collier poderá ser considerado o primeiro grande estudo amplo da pneumónica de 1918-1919. O arbitrário da pandemia, por oposição ao heroísmo da morte em guerra, gera muito maior e mais confortável atenção a 14-18. Já em 1921, a consciência desse esquecimento existe, como prova o editorial de «The Thunderer» no *The Times of London*, em fevereiro do mesmo ano: «So vast was the catastrophe and so ubiquitous its prevalence that our minds, surfeited with the horrors of war, refused to realize it» (cf. Honigsbaum, 2020).

Já no século XX é extinta a varíola, esforço que conta também com a literatura, por exemplo com um poema didático do guatemalteco Simón Bergano y Villegas em prol da vacina. Só esta doença é dada por extinta (em 1980), para além da Peste Bovina em 2011. As restantes existem, sob controlo, e assim entram na literatura, como a influenza em *Guerra e paz* de Tolstói. A poliomielite marcará também o século XX, pelo que *Nemesis*, de Philip Roth, se reporta a 1944. No entanto, o maior impacto literário será o da SIDA, que vitima Rock Hudson, Anthony Perkins, Liberace, Freddy Mercury, Rudolf Nureyev, Isaac Asimov, Gia, António Variações, Mário Viegas. Susan Sontag acrescenta-a como terceiro elemento à sua obra que falava de outras doenças mortais, e nos anos 80 avolumam-se os reflexos: em

1982, «My Death», de Tim Dlugos, é escrito após o poeta saber estar infetado. Tinha já escrito «G9» (código de enfermaria) a propósito da morte por SIDA de um amigo. Em 1985 Samuel Delany usa ficção científica em «The Tale of Plagues and Carnivals», em *Flight from Nevèryön*. Em 1990, Mark Doty reuniu *Poets for Life: Seventy-Six Poets Respond to AIDS*, que inclui «Sphincter», de Allen Ginsberg, e em 1991 Tony Kushner publica *Angels in America: A Gay Fantasia on National Themes* (teatro). Charles Bukowski escreverá o incisivo «Before AIDS» em 1988.

Este registo da expressão literária de epidemias será sempre (infeliz e) intrinsecamente incompleto, enquanto a Humanidade não estiver livre da sua frágil condição. No século XIV, o monge franciscano John Clynn fez a crónica da Peste em Kilkenny na Irlanda, vítima da qual se pensa que morreria depois. De forma muito comovente e existencialmente angustiante, decidiu deixar no livro algumas páginas em branco e a inscrição «in case anyone should still be alive in the future and any son of Adam can escape this pestilence and continue the work». Em 2020 o mundo volta a ser dominado por uma pandemia, a de Covid-19, *A pandemia que abalou o mundo* (2020), retomando o título de Slavoj Žižek. Como todas as pandemias, partilhará a noção de *hubris* do presente, dessa que leva Napoleão a ter os seus exércitos derrotados pela febre-amarela (Caraíbas, 1803) e pela disenteria e tifo, mais do que pelo inverno (Rússia, 1812), e de uma

disrupção na ordem social. A ideia de que a literatura traz um realismo existencial inacessível à medicina não impede os silêncios inexplicados (Pudor? Normalização? Necessidade de interregno restaurador?) e as dúvidas quanto ao papel do literário sob pandemia ao longo dos séculos – Escapismo? Relato? Ato religioso de tributo e/ou súplica?

Numa luta entre mito e razão, a pandemia parece ser quase esquecida ou sufocada de século para século, como algo eternamente de antanho. É, afinal, a égide suprema da fragilidade e por isso confronta o Homem com a contradição da sua natureza, como a vê o norueguês Peter Wessel Zapfe (1899-1990) – o animal cuja capacidade intelectual e emocional ultrapassou em muito a lucidez suportável por um corpo tão frágil e em permanente decadência. Afinal, como disse Fernando Pessoa de uma simples constipação em 14 de março de 1931, elas «zangam-nos contra a vida / E fazem espirrar até à metafísica». Será uma boa metáfora da Humanidade, o ser que vai espirrando rumo à metafísica.

Bibliografia

Impressa

Barreira, C. (1997). A representação do feminino na obra de Gomes Leal. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, **10**: 287-295;

Camus, A. (1972[1947]). *La peste*. Gallimard. Paris;

Collier, R. (1974). *The Plague of the Spanish Lady: The Influenza Pandemic of 1918-1919*. Atheneum. Nova Iorque;

Cooke, J. (2009). *Legacies of Plague in Literature, Theory and Film*. Palgrave Macmillan. Hampshire e Nova Iorque;

Defoe, D. (2003[1722]). *A Journal of the Plague Year*. Penguin. Londres;

Girard, R. (1974). The Plague in Literature and Myth. *Texas Studies in Literature and Language*, **15**, 2: 833-850;

Little, L. (2009). Preface. Em: L. Little (ed.). *Plague and the End of Antiquity. The Pandemic of 541-750*. Cambridge University Press. Cambridge. pp. xi-xv;

Martins, C.M. (2011). *Peste e literatura: A construção narrativa de uma catástrofe*. Universidade de Coimbra. Coimbra;

Martins, J.P.O. (1891a). *Os filhos de D. João I*. Imprensa Nacional. Lisboa;

Martins, J.P.O. (1891b). *Camões, Os Lusiadas e a Renascença em Portugal*. Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Porto;

Martins, J.P.O. (1908). *História de Portugal*. (t. I). Parceria António Maria Pereira. Lisboa;

Moreno, H.B. (1983). Reflexos da peste negra na crise de 1383-85. *Bracara Augusta*, **xxxvii**, 83-84: 373-386;

Nemésio, V. (2010[1944]). *Mau tempo no canal*. Leya BIS. Alfragide;

Peone, D. (2020). *Plague Literature. Lessons for Living Well During a Pandemic*. Theuth Books. Atlanta;

Pinto, J.N. (2020). *Contágios – 2500 anos de pestes*. Publicações Dom Quixote. Lisboa;

Porter, K.A. (1987). *Conversations*. University Press of Mississippi. Jackson;

Rau, V. (1946). *Sesmarias medievais portuguesas*. Editorial Presença. Lisboa;

Redol, A. (1972). *Os reinegros*. Publicações Europa-América. Lisboa;

Saramago, J. (2020[1995]). *Ensaio sobre a cegueira*. Porto Editora. Porto;

- Sérgio, A. (1945). Prefácio. Em: F. Lopes. *Crónica de D. João I*. Livraria Civilização. Lisboa. pp. xi-xl;
- Sontag, S. (2001[1989]). *Illness as Metaphor and AIDS and its Metaphors*. Picador. Nova Iorque;
- Tucídides (2010[c. 400 a.C.]). *História da guerra do Peloponeso*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa;
- Žižek, S. (2020). *A pandemia que abalou o mundo*. Relógio d'Água. Lisboa.

Digital

- Honigsbaum, M. (2020, 17 de março). «A Once-in-a-Century Pathogen»: The 1918 Pandemic & This One. *The New York Review*. Acedido em

- 7 de julho de 2020, em: <https://www.nybooks.com/daily/2020/03/17/a-once-in-a-century-pathogen-the-1918-pandemic-this-one>;
- Lepore, J. (2020, 23 de março). What Our Contagion Fables Are Really About. *New Yorker*. Acedido a 30 de maio de 2020, em: <https://www.newyorker.com/magazine/2020/03/30/what-our-contagion-fables-are-really-about>;
- Pamuk, O. (2020, 23 de abril). What the Great Pandemic Novels Teach Us. *The New York Times*. Acedido em 5 de julho de 2020, em: <http://www.nytimes.com/2020/04/23/opinion/sunday/coraonavirus-orhan-pamuk.html>.